



GAITISTAS

Bernardo Máiz aborda o processo de destruição nacional na Galiza. Num contexto de repressão das expressões próprias e de substituição destas pelas alheias, Máiz pega na Banda de Gaitas da Deputación de Ourense como sintoma.

CRIAÇOM

O autor convidado este mês é Samuel L. París. Nasce em Muros em 1984. Publica o *Manual da destrución* em 2008 no netlabel A Regueifa. Baixista da Terbutalina. Come ovos com salsichas, arroz e tomate. Em 2015 mudará definitivamente em Miguel-Anxo Fernán Vello criando uma situação de caos mui divertida, da qual tirará partido, principalmente, as barbarias.

OLIVEIRA

Da passada edição do Cineuropa, Xurxo Chirro destaca o filme *O Estranho Caso de Angélica*, de Manoel de Oliveira. Esta concreção, afirma, resulta dumha série de filias que gostaria de dar a conhecer para que os que vejam o filme podam ter umha melhor recepção do mesmo. Assemade, este artigo também pode ser considerado como umha modesta homenagem ao director português que cumpriu 102 anos em Dezembro.

A GALIZA NATURAL

0 ano da charrela

João Aveledo

Termina 2010, o ano que a Sociedade Galega de Ornitologia dedicou à charrela (*Perdix perdix*). A charrela, também chamada perdiz-charra, é uma das aves mais escassas e desconhecidas do nosso país. Um pouco mais pequena do que a perdiz-vermelha (*Alectoris rufa*), a charrela distingue-se desta por ter faces cor de ferrugem, pescoço cinzento, patas amarelas e cauda avermelhada; sendo característica nos machos uma mancha castanha no peito em forma de ferradura.

As nossas charrelas pertencem a uma subespécie endémica da Península Ibérica que se distribui polos Pirenéus, Sistema Ibérico, Cordilheira Cantábrica e Maciço Galaico-Duriense. Esta subespécie foi descrita em 1891 polo naturalista ferrolano Lopes Seoane, que a batizou como *Perdix perdix charrela*, utilizando o nome popular galego-português, mas infelizmente acabou por ficar registada, um ano mais tarde, como *Perdix perdix hispaniensis* por Reichenow.

Extinta desde a década de setenta em Portugal, a espécie tem agora o limite sul-ocidental da sua área de distribuição na Galiza. Daí a especial vulnerabi-

lidade, mas também o grande interesse biogeográfico das populações galegas. Nas nossas serras orientais, as últimas charrelas vivem acima dos 1.200 m. de altitude em número cada vez menor. Entre as causas do seu declínio encontram-se: o desa-

As nossas charrelas pertencem a uma subespécie endémica da Península Ibérica que se distribui polos Pirenéus, Sistema Ibérico, Cordilheira Cantábrica e Maciço Galaico-Duriense. Foi descrita em 1891 polo ferrolano Lopes Seoane, que a batizou como *Perdix perdix charrela*, utilizando o nome popular, mas infelizmente acabou por ficar registada, um ano depois, como *Perdix perdix hispaniensis* por Reichenow



parecimento de culturas nos vales, a diminuição do pastoreio, com o seu efeito regulador das plantas e o consequente aumento da cobertura vegetal dos

matos, a caça, os incêndios, as louseiras, os repovoamentos florestais, o aumento da rede de estradas de montanha...

Com este panorama, o futuro

adivinha-se assustador para as charrelas galegas... ai! tão negro como o do seu primo, o extinto e saudoso galo-montês (*Tetrao urogallus*).



Aniquilação como povo: gaitistas, repressom e substituição

Bernardo Máiz Bar

Para boa parte das pessoas preocupadas pela substituição cultural e lingüística a que estamos submetidos o povo galego, passa algo despercebida a relacionada com a transmissão intergeracional da música tradicional galega e dos valores e tipo de sociedade comunitária e participativa a que vam ligados.

Na *Galicia autónoma*, os gaitistas e as demonstraões de música "regional" tenhem normalizado a sua presença nos actos oficiais dando umha falsa impressom de normalidade dumha parte da nossa cultura: O folclore. No entanto, compre assinalar que os valores comunitários básicos da nossa música, como o da construção grupal, sempre estívem muito longe das demonstraões espectaculares ligadas às gaitas e gaitistas marcianos, tam alheios aos lugares habituais da mesma.

Esta pantalha espectacular de gaitistas marcianos e demonstraões artificiais de danças e músicas "regionais" pouco ou nada tem a ver com o que significa para o povo tradicionalmente a sua música. Esta última infelizmente é perseguida e nom recebe o tratamento de favor da música regional espectacularizada.

Algo característico da nossa música impossível de associar aos cenários institucionais e às demonstraões espectacularizadas é a capacidade para se fazer participativa e democrática: A música tradicional galega fai agentes activas da mesma a todas as pessoas. Nom se pode assistir a umha foliada sem ter umha mínima participação no grupo; tocar umhas conchas, tentar dançar os pontos fáceis, cantar, ... e pouco a pouco ir metendo-se no grupo do que fas parte construindo entre todas as pessoas a tradição como assim foi sempre.

Este jeito de se socializar é desconhecido para milhares de galegos e galegas do século XXI, nom tem protecção e está a se perder. Nas instituições autonómicas nom encontramos umha sensibilidade mínima para a protecção das



Foxo com "El Rey de España" e membros da Real Banda de Gaitas da Deputação de Ourense

Pessoalmente, consideraria menos grave que os subvencionem se tocam umha gaita marciana e com estilo marcial

O problema é que a música tradicional galega esmorece e estes som pagos com o dinheiro de todas

alternativas que nos oferece a tradição ao lazer enlatado. Este modo de se relacionar está afastado do relacionamento num pub ou discoteca ligado à intermediação do consumo. Isso por nom falar do afastado que está das novas formas de se relacionar via internet.

O fecho de locais e as multas

O fecho e as multas de estabelecimentos hoteleiros associados à música tradicional galega multiplicasse nas cidades e nas vilas do país. A Gaita Grileira em Vigo, a Cova Folk e o Repichoca na Crunha, o antigo CS Artábria em Ferrol, O Xa Chegou em Compostela, e um longo etc. de locais que tivérom que pagar multas, ou dei-

xar de fazer música tradicional. Ao mesmo tempo é criada umha legislação especial para os "tablaos flamencos" que permite a abertura destes locais única e exclusivamente para fazer este tipo de música até as cinco da manhã.

A perseguição chega até tal ponto que, paradoxalmente, a capital do país tem de "tudo" para os "camones" ou "guiris" salvo um local onde podam ver umha demonstraão de música tradicional galega ao vivo. É como se vamos a Buenos Aires e nom existe um local onde escuitar e ver tangos, ou a Dublin e que nom exista um pub onde ir a umha sessão de música tradicional irlandesa, ou a Lisboa e nom ter local

nenhum para escuitar e ver fados.

As escasas alternativas para nos socializarmos fora dos pubs e das discotecas, como por exemplo os Seráns da Sala NASA, nom tenhem capacidade para sobreviver e sem recursos vêem-se obrigados a pedir aos grupos que actuem grátis. Na zona de Ponte Vedra, já começaram a colocar problemas legais aos furanços para a sua sobrevivência.

As festas de música popular ou tradicional galega vêem reduzidos o número de estabelecimentos que as podem acolher. Por exemplo, as estalotadas do Bairro Compostelano de Sam Pedro vem reduzidos o número de locais disponíveis a só dous, frente aos doze que há menos dumha década as realizavam. Neste caso, as multas ou os fechos sem a criação de alternativas também foi a causa. A alguns vem-nos á cabeça pedir a permissom de "tablaos flamenco" para umha taberna do bairro, pôr um traje de andaluz e, quando chegar a polícia local, esconder a gaita e pegar a guitarra espanhola para que nom multem.

Ao mesmo tempo que acontece isto, assistimos atónitos ao esbanjamento de quartos públicos com as demonstraões de "música galega" das bandas de gaitas marcianas nos actos oficiais da Junta. A recepção ao papa, ao rei, ao príncipe, todos coroados com as gaitas de Marte tocadas por raparigas e rapazes de Ourense que ainda nom sabem onde se metêrom.

Para quem nom o saiba, um homem de Ourense chamado Foxo inventou na era fraga um tipo de gaita de estética semelhante à escocesa, foi coroadado director da *Real Banda de Gaitas da Deputação de Ourense*, e a partir daquela é convidado a todos quantos actos oficiais há para fazer a sua parafernália militar marciana.

Pessoalmente, consideraria menos grave que os subvencionem se tocam umha gaita marciana e com estilo marcial - dispêndios de dinheiro público conhecemos muitos mais graves no país.

O problema é que a música tradicional galega esmorece e estes som pagos com o dinheiro de todas. E se um punk toca umha gaita de 14 roncões fazendo o pino e cantando em galego nom lhe dam um patacom e a uns disfarçados de Ourense com gaitas marcianas pagam-lhes tudo.



AVES E CONTROLADORES

por Sole Rei

Os controladores aéreos põem-se em greve e milhares de pessoas ficam paradas nos aeroportos de todo o Estado. O país parece paralisar-se pelo protesto laboral de cerca de dous mil trabalhadores, que conseguem que o direito da população a passar férias num lugar diferente da sua residência habitual seja o maior problema de uma sociedade com uma percentagem de desemprego próxima de 20%. Porém, ainda há lugares nos quais impera a calma, e aos quais, ano após ano e geração após geração, chegam os mesmos emigrantes sazonais, que nem precisam de aviões nem entendem de estados de alarme impostos.

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Em 2008 Samuel L. París publicou o seu *Manual da destrución* no netlabel A Regueifa, e todos os que o lêrom coincidírom em que é

um poeta que promete.

A nós prometera-nos uma colaboração para este espaço e velái a tendes.



Por um momento pare e leia este texto e nom pense

por Samuel L. París

Todos os momentos aguardavam preocupados a resolução da assembleia.

O momento em que o semáforo passa a verde e che pita quem tens detrás nom era quem de conter os nervos. Polo corredor caminhavam juntos o momento em que che dim que morreu um curmao que nom conheces e o momento em que o messias anuncia a sua demissom. A tensom era a normal para unha ocasiom como essa.

Os filhos de todos os momentos jogavam na porta do recinto a se desenhar o bigode de Xulio Valcárcel. Era outono e pode que também fosse verao.

Abriu-se a porta e aparecêrom o momento em que metes o pé no mar pola primeira vez e o momento em

que o teu moço pom unha escusa para sair com a sua última ex. Sentárom diante dos assistentes nas suas respectivas cadeiras com ares de solenidade próprios da idade (que, claramente, rimam em consoante). Todos olhárom-se acordando guardar silencio. Chs-chs-chsss... (dixêrom para se fazer calar). Chsss... (alguém abriu umha lata de birra). Começou a falar o momento em que metes o pé no mar pola primeira vez:

-Companheiras e companheiros, a pressom a que nos estamos a ver submetidos a cotio por parte das autoridades, que todo o relativizam, a respeito da importância subjectiva que temos os momentos é insuportável -o recinto em que se realizava a assembleia tinha sopor-tais, observe-se o jogo léxico estabelecido polo autor neste momento-. Porém, nom é desconhecido por nós



que há muita imbecilidade sobre a poética e o lirismo de tais aspectos, algo que, em suma, converte esta situação em insustentável. Dito tudo isto, a única saída que vemos para a nossa problemática é convocar umha greve indefinida daqui até ao fim dos dias todos.

Aplausos. Apertas entre momentos camaradas. Champanhe nas diferentes dependências do recinto. Que corra a voz! Que voz? A da Galiza, nom! A de verdade! A voz dos momentos unidos e unidas! Que o saibam as autoridades! Os momentos temos o poder pola mao! Somos mais!

Deste jeito, e só deste jeito, foi como o momento em que o semáforo passa a verde e che pita quem tens detrás durou para sempre. Para sempre também durou o momento em que nom cabe mais nada no caixote do lixo (que também existe) e mais o momento em que te corres onde, quando e com quem nom deves.

E, claro que sim, também durou até o infinito o momento em que os e as amantes se dim por baixo dos lençóis da cama, mentres se miram nos olhos, que queriam que esse momento durasse para sempre, porque pensavam que nom ia durar para sempre.

E, hóstia, agora que esse momento vai ser eterno, pagaríamos o que fosse por se voar os miolos e acabar dumha vez por todas com tanta estupidez e tanta puta parvada.



Desculpa as gralhas

Valentim R. Fagim

Umha das conseqüências de vivermos o mesmo sistema educativo com as mesmas programações (palavra, reconhecemos, pouco simpática) é que recebemos os mesmos guions. Guions de história, de economia, de política, de valores... e de língua, *of course*. Talvez tivéssemos a sorte de um docente transgressor, provavelmente nom mas, seja como for, o

produto que nos vendêrom era: o galego é só dos galegos(as) e vale para o que vale.

Seja na adolescência, seja na maturidade, muitas pessoas tenhem descoberto que o tal guiom nom era assim mui verídico, mas nem todas tenhem transformado esta descoberta da mesma forma.

Estám, por exemplo, os NON ESCRIBO PORQUE. Som pessoas

que sentem algum tipo de culpabilidade (o cristianismo tem feito tanto mal) e ferve nelas a necessidade de nos darem explicaçõs. É como quando um homem, com todos os -ismos da progressismo, afirma que vê pornografia para loguinho apontar que é por interesse antropológico (ainda sabendo que nom dá para acreditar).

Outra família som os DESCULPA AS GRALHAS. Estas

personas já dérom o passo, levam uns meses a escrever, mas diante de umha escritora experiente sentem certo embaraço. O que nom sabem é que quase todas escrevem muitíssimo melhor que um próprio na mesma altura vital, em grande medida porque a rede social dos reintegrantes cada vez é maior e tornou num ato, felizmente, cada vez menos heroico.

O que une ambas as famílias é que sabem, ou intuem, que a nossa língua transborda o guiom que nos desenharam no ensino secundário: nom é umha língua apenas para nós e apenas para certas cousas. O que diferencia as NON ESCRIBO PORQUE e as DESCULPA AS GRALHAS é que estas últimas, ao mesmo tempo que escrevem, estám a redigir um novo GUIOM para Galiza.

CAMPA AUDIOVISUAL

Oliveira revive a Angélica

Xurxo Chirro

Da passada edição do Cineuropa, gostaria de destacar um filme: “O Estranho Caso de Angélica”, de Manoel de Oliveira. Esta concreção resulta dumha série de filias que gostaria de dar a conhecer para que os que vejam o filme podam ter umha melhor recepção do mesmo. Assembled, este artigo também pode ser considerado como umha modesta homenagem ao director português porque este 11 de Dezembro faz 102 anos. A celebração desta efeméride nom é o motivo desta escolha, mas aprofundar no mundo de “Angélica” vai permitir-me fazer um retrato dum cineasta que é umha referência na História do Cinema.

A organização do festival compestelám escolheu o filme para ilustrar a concessão do Prémio Cineuropa a Pilar López de Ayala, mas curiosamente o trabalho desta actriz espanhola nom vai ser lembrado polo seu “receituário” de dotes dramáticos. Nom obstante, pode ser visto como umha feliz ocorrência do Cineuropa de recuperar a relação com Oliveira, a quem, no ano de 2004, já concedera o referido prémio para além de fazer umha retrospectiva completa da sua obra.

A singularidade de “O Estranho Caso de Angélica” está em que é um projecto muito antigo e muito querido por parte de Oliveira, tendo que adiá-lo em inúmeras

ocasiões e que, agora, em 2010, por fim puido materializá-lo. O projecto de “Angélica” remonta ao período situado entre a realização do “Aniki-Bobó” (1941) e a de “O Pintor e a Cidade” (1954); nesse tempo viu-se afastado da prática cinematográfica vivendo no campo ao cargo dos negócios agrícolas da sua família. Na altura, a desilusão por nom poder fazer cinema era muito grande e só era quem de bosquejar ideias e projectos sobre o papel. Foi a partir dumha experiência pessoal, tirar umha fotografia ao cadáver da sua cunhada, que escreveu o guiom de “Angélica”. Nos primeiros anos da década de 1950, apresentou-o aos fundos da cinematografia de Portugal mas sempre foi rejeitado. Este feito encorajou Oliveira, sendo a chispa que motivou a sua volta à prática cinematográfica dumha maneira quase autogerida e assumindo ele próprio vários papéis da produção.

O guiom ficou na gaveta mas em muitos dos seus filmes saiu a reluzir umha parte deste tesouro agachado do que se puido chegar a ler na publicação “Projectos não realizados e outros Textos” (Cinemateca Portuguesa, 1988). Por fim, em 2010, mais de meio século depois, “Angélica” passou aos ecrans sendo estreada no prestigioso Festival de Cannes. A história conta o percalço do Isaac, um fotógrafo amadorista de origem judia que está a escapar da II Guerra Mundial, e que recebe a encomenda de tirar umhas fotos a umha morta, de cuja imagem



acaba por se obcecar. Mas Oliveira fixo pouco esforço na reactualização desta ideia primitiva e na sua inserção nos tempos de hoje em dia mantém esta definição de personagens e “as suas circunstâncias” apesar de as incongruências históricas serem às vezes mais do que evidentes.

O interessante de “O Estranho Caso de Angélica” é que Oliveira casa de forma mestra as pulsões que caracterizárom a suas primeiras etapas com elementos que fôrom madurando ao longo da sua filmografia. Umha cristalização pura que serve de excelente mostruário testamentário do cinema de Oliveira. Por um lado, temos as origens da herança dos “Gigantes

do Douro” (1934), um projecto de documentário em que se reflecte o seu germolar dentro das vanguardas e o seu interesse pola etnografia. Umha lembrança dos seus primeiros filmes em que já havia um interesse polo território: pola cidade do Porto e polo Vale do Douro, a que voltaria em várias ocasiões destacando-se, sobretudo, em “Vale Abraão” (1993) ou em “O Princípio da Incerteza” (2002). O argumento do filme pode ser circunscrito dentro do que se poderia chamar de “fantasmagorias” de clara ascendência barroca, numha encruzilhada de caminhos que vai de “A noiva cadáver” (2005), de Tim Burton, até ao último filme de Apichatpong Weerasethakul, “O

tio Boonme lembra as suas vidas passadas” (2010), umha mistura da que já saíra airoosamente em “Os Canibais” (1988) e em “O Convento” (1995).

Este filme é umha espécie de conjunção em que se espalham os estilemas e as preocupações de Manoel de Oliveira: a música de piano de M.^a João Pires que lembra a época silente, umha encenação e umha direcção de actores muito teatral, certa ideia de transcendência surgida da tentativa de baralhar religiosidade e humanismo, homenagens e referências intelectualizadas (José Régio, Teixeira de Pascoães ou Ortega y Gasset), disquisições sobre o rumo do mundo falando da actual crise económica, de problemas ecológicos e das descobertas científicas, teimas românticas que desembocam num “amor fou” quase surrealista no tom do seu admirado Luis Buñuel, ou a mais do que evidente reflexom metalinguística sobre a natureza das imagens e o mecanismo da representação artística. E a tudo isto deve ser somado o elenco que agasalha López Ayala: Ricardo Trêpa (sobrinho de Oliveira), Luís Miguel Cintra, Isabel Ruth ou a sempre espectacular Leonor Silveira.

No negativo fica um comentário arquetípico e inexacto sobre a Galiza e os galegos, mas este ponto negro tampouco embacia um excelente filme dum director que se mostra orgulhoso do seu passado, dos seus “modos antigos”, mas redimensionando-os e fazendo-os frutificar cara ao futuro.